

SÍNTESE E SUPERAÇÃO DOS OPOSTOS EM PASCOAES: TUDO É UNIVERSO

Nuno Freixo

Instituto de Filosofia - Universidade do Porto.
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto
(351) 226 077 100 | ifilosofia@letras.up.pt

Resumo: Se nos é permitido esclarecer o itinerário da obra "O Homem Universal", escrita por Teixeira de Pascoaes, diríamos nós que é um processo de ascensão que se estabelece a partir do indivíduo até à comunhão do todo.

Palavras-Chave: Teixeira de Pascoaes, Homem, Universo.

Abstract: If we are allowed to clarify the itinerary of "The Universal Man" written by Teixeira Pascoaes, we would say that is an ascension process that is established from the individual to the communion of the whole.

Keywords: Teixeira de Pascoaes, Man, Universe.

“O Homem Universal” é, numa leitura mais imediata e despida de artifícios hermenêuticos, a elevação do homem, a exaltação da potência criadora do ser, enfim, do ser em si. Confrontando o leitor com a condição essencial humana, encontramos nesta obra um movimento de desconcretização do indivíduo em direção ao universal. Como se a obra tratasse do ser, para lá do indivíduo, renunciando o acidental e abraçando o essencial, aquilo que nos aproxima ao universo, ou até aquilo que nos confunde com ele, que nos unifica.

Pascoaes não descarta a natureza humana. No entanto, é como se esta fosse um elemento de um todo aglutinador. Curioso: a natureza humana pertence ao universo, mas é nesta natureza que este se revela. Afinal, “o destino do homem é ser a consciência do Universo”¹.

A existência do homem está antes de todas as quezílias sociais, de todos os dramas pessoais, enfim, de todas as vicissitudes que Sísifo enfrenta enquanto empurra a pedra. Há uma existência antes do que se vê, mais genuína e real do que tudo o que se perde em aparência e efemeridade. Diz-nos Pascoaes: “Tudo o que vem à flor da nossa vida, sobe de infinitas profundidades”². Tudo o que é físico e material é, antes de mais, já uma consequência, um “depois” de qualquer coisa, de um invisível.

O *Homem Universal* não são os homens portadores de uma consciência individual, mas sim de um inconsciente coletivo, apenas acessível àquele que ouça o apelo essencial e se permita a si próprio intuí-lo. Este Homem, presente em todos nós, como que constitui uma presença latente, que não aparece por uma via exclusivamente racional, mas através do sentir. A emoção ilumina o próprio caminho que o pensamento deve percorrer, já que “é por ímpetos emotivos que a consciência se ilumina e desvenda, a si mesma, novos recantos obscuros”³. É a intuição que dá o conteúdo ao pensamento, “a argila do seu perfil”⁴, posteriormente enformada.

A existência humana parece condensar em si mesma todo o universo, tudo o que nele é consciência e emoção, arte e razão. De alguma forma, a natureza forneceu as faculdades para o indivíduo compreender e misturar-se com o

¹ Pascoaes, Teixeira de, *O Homem Universal e Outros Escritos*, p. 5, Assírio e Alvim, Lisboa, 1993

² *Op. Cit.*, p. 19

³ *Op. Cit.*, p. 19

⁴ *Op. Cit.*, p. 19

universo. A natureza, que se reflete em várias coisas, espelha-se melhor no homem e ele talvez seja a sua mais fiel definição.

É impossível esquecer o lugar da natureza no pensamento de Pascoaes. A natureza é o elemento físico, é o lar onde se descobre o sentido metafísico. É uma autêntica força motriz, condição de revelação do invisível, mas que exige a sua contemplação. Como sabemos, o Marão, o querido Marão de Pascoaes, é o lugar onde o material e o espiritual se encontram, onde deixam de ser realidades partidas e isoladas e passam a pertencer-se uma a outra, em verdadeira comunhão. A metafísica está antes da física, mas é nesta que se mostra. Tal como a física é herdeira da metafísica, também o homem individual é herdeiro do *Homem Universal*.

A natureza, em todo o seu ser e parecer, só se completa no homem, pois é na consciência humana que o que é se mostra. O homem, composto de matéria e espírito, transporta esse dualismo para a natureza e contempla nela, através dos elementos corpóreos, as duas faces primordiais: física e metafísica. A natureza numérica manifesta-se no homem, mostra-se à sua consciência. Sem a alma humana que vê, o que seria do que é?

O *Homem Universal* é princípio e fim, mediação entre a terra e o céu, entre o visível e o invisível, entre a física e a metafísica. É a consciência do universo. E é a alma, infinita, a essência do universo impressa no homem. Universo e homem participam da mesma essência, partilham o mesmo aroma. Necessitamos, portanto, de um conceito de Homem baseado no seu valor total e não num valor fragmentado ou parcial. O *Homem Universal* é o homem total, integral. O seu valor dá-se na sua própria existência, no ser animado que vive. Este homem foge à visão científica, “mecanicista”⁵, nas palavras de Pascoaes. Não esqueçamos que este homem se integra na “verdade cósmica”⁶ e que o poder do Universo faz parte de si, define-o, sendo-lhe “interior e essencial”⁷.

“A nossa visão do mundo é o próprio mundo assimilado por nós, mas não desnaturado”⁸. A natureza produz em nós o conhecimento da própria natureza. A visão humana do mundo não está afastada dele. Pelo contrário, a visão

⁵ *Op. Cit.*, p. 33

⁶ *Op. Cit.*, p. 33

⁷ *Op. Cit.*, p. 33

⁸ *Op. Cit.*, p. 25

humana é real porque natural. Entre sujeito que conhece e objeto conhecido não existe uma cisão. Conhecer não degenera a realidade, mas torna-se parte dela. A natureza existe porque se humaniza; dá-se ao Homem para que seja conhecida e assim ser. Nesse sentido, conhecimento não é mera interpretação, mas uma integração completa da natureza na consciência humana e essa integração não está presa ao raciocínio formal e lógico, já que “a emoção é a mesma substância da consciência”⁹.

Conhecer convoca a emoção que nasce da contemplação da natureza. A consciência humana desperta do sentimento, comove-se com a natureza, emociona-se com a autenticidade e força da sua presença e convida-se a participar dos seus mistérios.

Desenganam-se os experimentalistas do laboratório, os teóricos do conhecimento e os analistas da rima. O conhecimento da natureza é muito mais do que medir a sua métrica, a cadência do seu ritmo e compassar as suas relações de causalidade. O desvelamento dos segredos da natureza convida à sua fruição, à exaltação sensorial, escapando à sistematização conceptual.

A hegemonia do pensamento não conduz ao verdadeiro conhecimento, mas apenas à fragmentação da realidade. Diz-nos Pascoaes: “O sábio, isolado na sua lógica, é uma pessoa artificial, esquemática, uma espécie de *planta* de pessoa dentro da planta dum prédio ou do planeta. E um poeta só fantasia musical é uma pessoa imponderável, tão longe da realidade, como aquele sábio da verdade, que é a realidade viva ou projetada em outra esfera. No homem universal, atingem uma expressão harmoniosa...”¹⁰.

Assim se justifica a existência da poesia e do poeta como voz da própria natureza. A poesia é linguagem do universal, o idioma do universo. Ela depara-se com o contraditório e, sem o temer, desafia os limites da lógica e compreende-o. O sujeito poético não sai da realidade para a compreender, mas incorpora-se nela e traduz a sua linguagem. O ato poético de criação é um ato poético de integração.

Penso logo existo. Pascoaes pretende mais. Pretende o salto da mera constatação da existência para o significado essencial desse mesmo existir: uma

⁹ *Op. Cit.*, p. 19

¹⁰ *Op. Cit.*, p. 99

“expressão filosófica e poética ou racional e emotiva”¹¹. Mais do que reconhecer a existência, importa vislumbrar o seu significado. A alma humana, uma “síntese consciente da Existência”¹² dedica-se à atividade criadora de significação. A poesia levanta a ponta do véu. Em Pascoaes, a natureza é a fonte da poesia e a poesia o modo de se mostrar.

O valor da poesia encontra-se no modo único e autêntico de significar a realidade. A poesia é a própria metafísica, é o ser do homem a mostrar-se, o universal declamado. A poesia extravasa os limites do concreto e reclama para si o universal. O poeta, voz do universo, diz a natureza, corporiza-a em palavras. “O homem, verbo encarnado e verbo, poesia e poeta, o ser e os seres na mesma entidade divina e demoníaca; o homem universal, o homem novo, eis o que tenho cantado desde sempre ou desde o *Sempre*, desde o meu primeiro vagido poético à última rala.”¹³

A natureza, que é presa numa fórmula matemática ou científica, solta-se na poesia – o poeta o libertador. O poeta sente a invisibilidade, a imponderabilidade, a imaterialidade, ainda que não a identifique ou mensure. O poeta respeita o ser da natureza.

Se tudo é universo, ou seja, se tudo pertence a um todo, constituindo uma ideia de *Uno*, as instâncias contrárias, não o são efetivamente, mas sim os vários rostos complementares do ser.

Na verdade, não existe contradição na natureza, apenas no esquema formal do pensar. A poesia, plena de intuição, compreende esta ideia e supera os opostos que a ciência, aparentemente, evidencia. A poesia é o ponto de convergência entre o homem e o universo, o lugar onde a contradição se desengana e os opostos se diluem. Ao cantar a linguagem da natureza homem e universo unificam-se. Pela poesia o Homem afirma-se, afirma o universo, supera-se porque se agiganta, porque deixa o seu estatuto de homem num lugar e num tempo e ascende ao plano de um homem universal. A poesia é o universo a falar pela boca do homem.

Onde se encontram as pistas desta ideia unificadora, isto é, da visão do *Universal*? Já registámos a importância dos elementos da natureza – a física

¹¹ *Op. Cit.*, p. 19

¹² *Op. Cit.*, p. 55

¹³ *Op. Cit.*, p. 33

como ponto de passagem para a metafísica – mas, cremos nós, não existe um único caminho para a ascensão em direção a esta ideia. Nada existe fora do universo, ou seja, nada existe fora da ideia do *Universal*, querendo isto dizer que esta se pode encontrar em qualquer elemento humano ou inumano, desde que perscrutemos a realidade com os olhos da intuição, com a visão do sentir.

Em Pascoaes, temos o Marão, em Sophia o Mar, em Álvaro de Campos, a “indústria” e o progresso científico, exemplos que representam, todos eles, elementos da mesma realidade, da mesma *paisagem*. Estes elementos, entre outros, aparentemente contraditórios, cabem na ideia de universo pascoalina. Porque a contradição não existe. Só existe o todo. A paisagem, segundo o poeta, não é natureza morta, não é um cenário desanimado. Muito pelo contrário, a paisagem é dotada de alma, é dotada de espiritualidade.

A paisagem é ação, é ato sobre os homens que nela habitam. É transmissão inconsciente do que lhe é essencial. A sua alma é, portanto, atuante sobre os indivíduos, sobre os seus sentimentos e ideias. Dito de outra forma, a paisagem influencia, contagia, atua sobre os homens. A paisagem é herança; o homem é herdeiro. Como refere o nosso poeta, “A reflexão da paisagem no homem é ativa e constante. A paisagem não é coisa inanimada; tem uma alma que atua com amor ou dor sobre as nossas ideias ou sentimentos, transmitindo-lhes o quer que é da sua essência, da sua vaga e remota qualidade que, neles, conquista ação moral e consciente. (...) [A paisagem] tem sobre nós como que um poder de herança...”¹⁴. Note-se como, de facto, a distinção entre sujeito e objeto desaparece. Estes dois elementos – homem e natureza – na realidade, são um só, comungam da ideia de *Universal*.

Cabe ao homem comum, ao homem individual, percorrer este trajeto de “ascensão”, descortinando o aparentemente invisível. Sabemos que em Pascoaes, independentemente dos projetos pessoais, existem princípios animadores desta ideia de universo, que rompem precisamente com a subjetividade individual e que são portadores de uma essência comum a um povo. No caso português, falamos evidentemente da *Saudade*.

O povo português revela-se mais emotivo do que intelectual. Pela emoção, pelo sentimento, pela alma poética, mesmo carecendo de um sistema rígido ou

¹⁴Pascoaes, Teixeira de, *A Arte de Ser Português*, pp. 54-55, Assírio e Alvim, Lisboa, 1998

lógico, o génio lusíada torna-se transcendente à inteligência, ultrapassa esses sistemas limitadores ou redutores, áridos e desprovidos de essência: “A emoção afoga a inteligência, ultrapassando-a como força criadora. E assim, corresponde à nossa superioridade poética, uma grande inferioridade filosófica.”¹⁵.

A raça portuguesa constitui-se como autêntica teoria ontológica pois existem uma série de caracteres que a constituem como tal: existe uma língua, uma arte, uma literatura, uma história, até uma religião, exclusivamente portuguesas. A forma portuguesa de experienciar todas estas formas de expressão cultural é típica, é especial, porque própria desta espécie; enquadra-se perfeitamente na definição, no conceito, no *ontos* de Portugal.

A ascensão do homem até ao sublime – família, pátria, humanidade – a sua concretização enquanto homem universal, consiste no caminho trilhado, passando pelos seres espirituais¹⁶ que se manifestam no espírito de qualquer povo e que, pela sua crescente complexidade e grau, encontram o ser definitivo: a metafísica anunciada.

O objetivo é, portanto, levar o indivíduo à elevação, a uma existência coletiva, sendo cultivado o sentimento de sacrifício, sentimento este que confere liberdade à pátria a que pertence.

O salto metafísico de Pascoaes pretende, ainda assim, ultrapassar a barreira do sentimento coletivo partilhado por um povo. Deseja ir mais além, apesar do caso português ser, para o poeta, um caso muito especial. Não somos contaminados por este desejo de transcendência; ele é-nos intrínseco, visceral, um património genético que nos foi dado pela mesma paisagem, ainda há pouco enunciada.

A saudade alimenta a alma – o *ser* – portuguesa assim como a metafísica alimenta a alma da humanidade. Dito de outro modo, a saudade é uma centelha da ideia de *Universal*.

Se nos é permitido esclarecer o itinerário d’*O Homem Universal*, diríamos nós que é um processo de ascensão que se estabelece a partir do indivíduo – pleno de razão e emoção, aberto à verdadeira contemplação e fruição da natureza,

¹⁵ *Op. Cit.*, p. 77

¹⁶ “A Pátria, ser espiritual, está intimamente ligada à Humanidade”, *Op. Cit.*, p. 29

atento aos seus sinais – inspira-se num sentimento coletivo, alimentado por uma paisagem natural, tão definidora da essência desse povo e, por fim, a comunhão do todo. O *Universal* está presente, não apenas no final da jornada, mas também no seu início e durante o próprio percurso, alimentando-o, deixando-se, subtilmente, através das suas pistas, mostrar-se.

A realidade é só uma, é *Una*. No entanto, podemos encontrar diferentes aproximações a esta realidade, perspetivas que já foram referidas: a científica e a poética. Por um lado, são perspetivas distintas e separadas entre si. Mas, por outro, são visões unidas, porque pertencem e dizem o mesmo universo. “A inspiração e a razão, o conceito físico do mundo e a sua conceção poética constituem o mundo total que, em nosso espírito, oriundo dele, se tornou ou vai tornando consciente e definido.”¹⁷

No entanto, considera Pascoaes, o homem cai no erro de se prender à razão, elegendo esta como a via para o verdadeiro conhecimento, descurando o que é essencial à própria realidade. Prendido no conceito, escapa-lhe o *ser* da realidade.

O nosso conhecimento racional precisa dos irracionais para ver melhor, sendo que não nos podemos deixar alienar pela *civilização*, por uma “morte civilizada e cidadina”¹⁸. Neste ponto, entendemos a importância da poesia, da linguagem das emoções, ocupando-se dos temas essenciais da vida. A ideia, o conceito será um pobre substituto da emoção: “A emoção é uma animação. E uma ideia? Pobre borboleta pregada, com um alfinete, numa frase de papel.”¹⁹

Exaltamos a dimensão espiritual da ideia de *Universal* em Pascoaes. Ele não se ocupa da geometria euclidiana, não se ocupa da dimensão meramente espacial. Aliás, para aqueles que se ocupam da realidade meramente física, Pascoaes pronuncia-se de forma bastante evidente: insensibilidade. Cegueira, diremos nós. O infinito que o nosso poeta persegue não é o espacial, mas aquele que é verdadeiro: o infinito espiritual.²⁰

O mundo físico, melhor dizendo, *torna-se* num mundo psicológico. Assiste-se a uma congregação de diferentes estádios. Relevante a afirmação de Pascoaes,

¹⁷ *O Homem Universal e Outros Escritos*, p. 103

¹⁸ *Op. Cit.*, p. 92

¹⁹ *Op. Cit.*, p. 92

²⁰ *Op. Cit.*, pp. 92-93

presente no epílogo desta obra. Representa, de forma esclarecida, a perspetiva do autor sobre a ideia de união entre física e metafísica e, mais do que isso, que é na física que a metafísica se revela e, um pouco mais além, que a metafísica desde sempre se encontrou contida na física. Vejamos: “se a alma humana surgiu, na terra, é porque a terra a continha já virtualmente”²¹.

O *Universal* encontra-se na sombra do todo, uma quarta dimensão acessível pelo místico – pelo poeta – por aquele que contempla, aquele que se entrega e se transforma em realidade, não se dissociando dela. “O poeta”, diz-nos Pascoaes, “está no centro do Universo. É o seu próprio coração a tomar consciência, a definir-se.”²²

O Universo pode ser medido de diferentes formas: pela balança, pelo metro. Podemos, de facto, corporizar esta realidade em peso e extensão, traduzindo o trabalho científico. No entanto, também se pode transportar o Universo para a lira, para a música, para a poesia.

O *Universal* tudo compreende, numa sinfonia celeste, mostrando-se em todo o seu esplendor, através da realidade física que o constitui, encontrando-se à espera. Espera que todas as suas manifestações sejam, enfim, sentidas e incorporadas pelo Homem Universal, desconstruindo toda a superficialidade da contradição e mostrando que, para além das exteriorizações aparentemente desordenadas, existe uma melodia que lhe é interior, que nos é interior que todos nós podemos ouvir.

Nas palavras de Pascoaes, “o universo é um ruído a converter-se em harmonia, um corpo a mostrar a alma”²³, acrescentaríamos nós: uma vivência na qual todos participamos.

²¹ *Op. Cit.*, p. 113

²² *Op. Cit.*, p. 103

²³ *Op. Cit.*, p. 62